



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

23, 24 e 25 de dezembro de 2022

DC Revista, AN Revista e Santa Revista (24.12 – 30.12.2022)

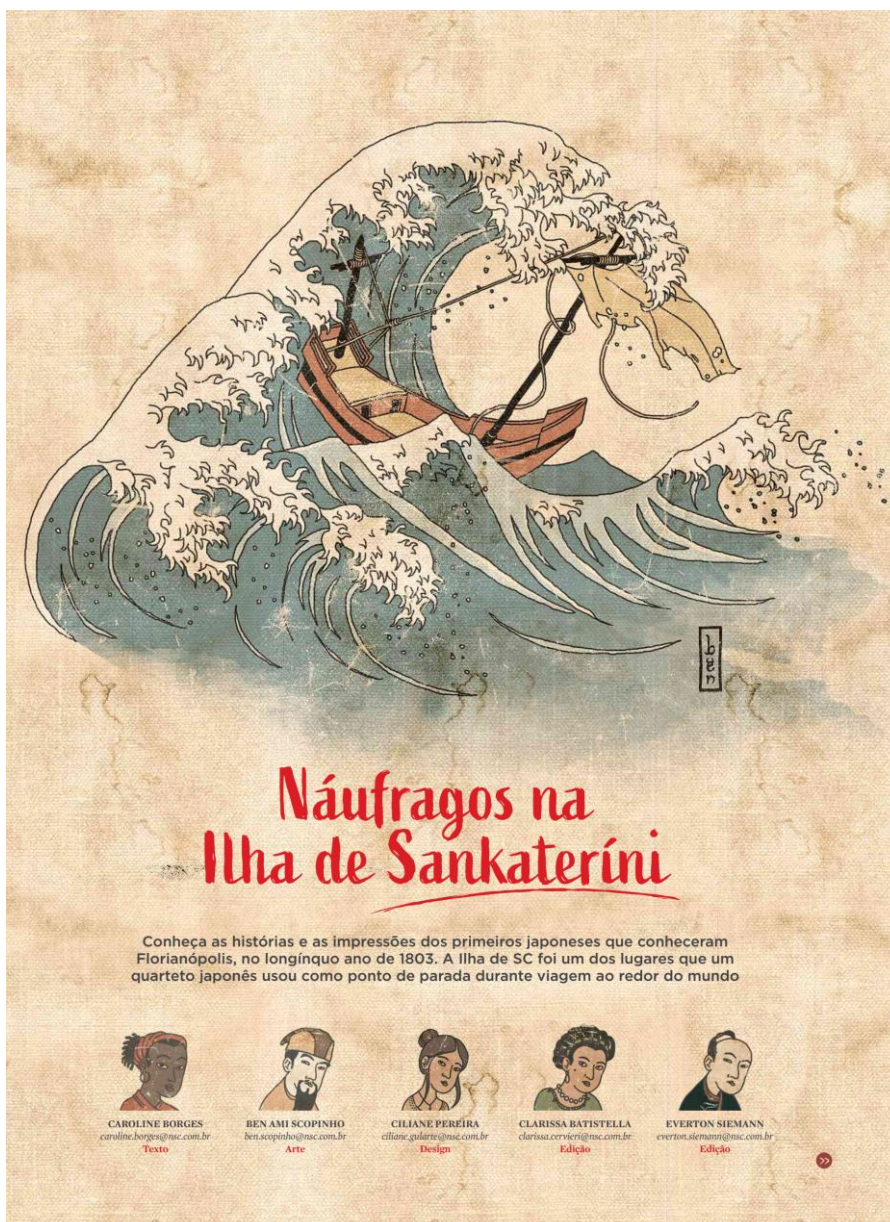
Capa e Reportagem Especial

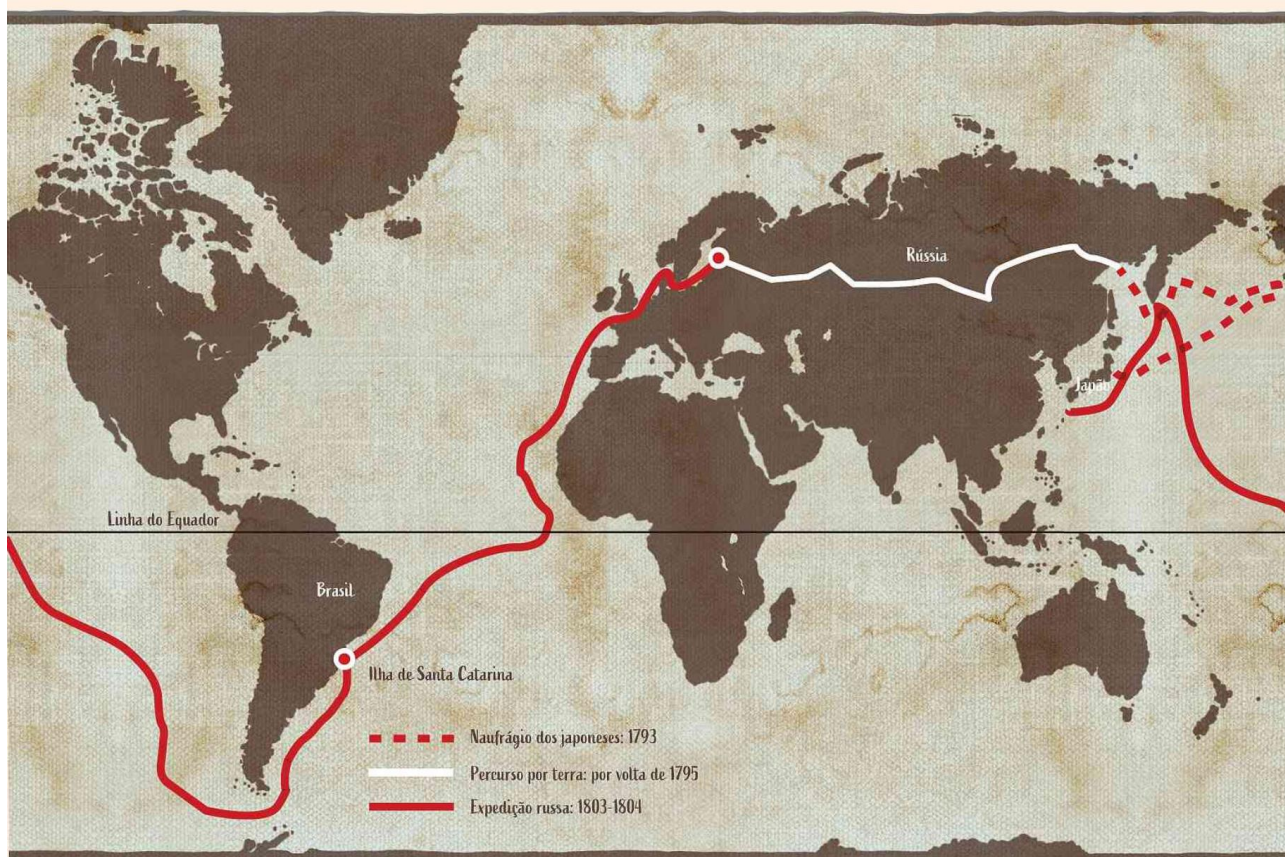
“Náufragos na ilha de Sankateríni”

Náufragos na ilha de Sankateríni / Japoneses / Tsudayu / Sahei / Gihei / Tajyuro
/ Georg Heinrich von Langsdorff / Francisco do Vale Pereira / Núcleo de Estudos
Açorianos / NEA / Universidade Federal de Santa Catarina / UFSC

NOS LIVROS

Veja os relatos históricos e
impressões dos primeiros
japoneses a chegarem a SC
PÁGINAS 31 a 35





Mapa mostra o trajeto da viagem de volta ao mundo feita pelos japoneses

ARTES BEN AMI SCOPINHO

O ano era 1803 e pela primeira vez na história quatro japoneses davam a volta ao mundo. De carona em um navio russo, que também inaugurava uma expedição pelo globo, pisaram em terras brasileiras até então desconhecidas por eles, um povo que, à época, vivia isolado do restante do mundo. Ao lado do naturalista Georg Heinrich von Langsdorff, naturalizado russo e conhecido como pai da exploração, os japoneses Tsudayu, Sahei, Gihei e Tajyuro aportaram no Forte de Santana, em Florianópolis, em 22 de dezembro.

Ao chegarem na Ilha de Sankaterini (Santa Catarina) encontraram uma “terra quente o ano todo”, cheia de animais exóticos, como “gatos de três cores e ferozes”, “macacos de rabo comprido” e até “um filhote de dragão que poderia devorar um homem”. E isso é apenas uma parte da quase inacreditável expedição vivida pelo primeiro grupo de japoneses a pisar na América do Sul.

“PASSARINHOS CANTAM KITT KIU”

A história que teve como ponto de partida um naufrágio no mar, ao Norte do Japão, é contada até hoje nas salas de aula do país oriental através da obra de Otsuki e Shimura, “Kankai Ibun – Informações Exóticas Ouvidas na Viagem Realizada ao Redor do Mundo”. Os relatos são de três dos quatro japoneses a passarem pelos hemisférios Norte e Sul pela primeira vez. Um deles, Tajyuro, morreu ao chegar ao país de origem.

Em uma época em que o Japão vivia isolado e o

povo conhecia o ocidente apenas por meio de histórias, os japoneses se depararam com os “nativos de pele escura”, que andavam descalços e sem roupas, conforme descrição dos japoneses aos escritores Otsuki e Shimura. Tajyuro que andou para além do porto, percebeu que ali havia mil casas. Disse ter visto um templo com um “objeto em forma de cruz”. Observando a maneira de rezar daquele povo, constatou que se parecia com a dos japoneses.

Durante os dias que permaneceram na Ilha brasileira, eles se espantaram ao ver uma criatura com escamas nos pés e espinhos no rabo, que vivia tanto na água quanto na mata, e que podia “devorar homens”.

“Chegamos a comentar que se tratava realmente de um filhote de dragão”, disseram eles, ao tentar descrever o que parecia ser um jacaré.

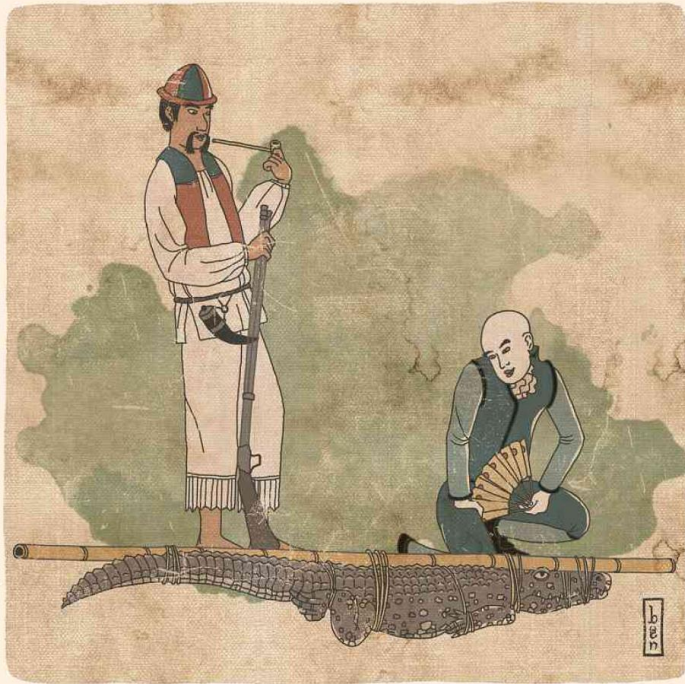
A beleza da fauna foi elogiada:

“Há passarinhos de cor muito bela, de cor azul e com bico e orifícios nasais vermelhos. Eles cantam fazendo kitt kiu”, relataram.

Também experimentaram produtos nativos, como banana, laranja e outros alimentos subtropicais. Negociaram frutos e animais com os habitantes do Brasil, conhecido pelos viajantes também com Bracili, e descreveram a floresta e o que habitava nela.

“Os negros colocavam essas frutas num recipiente e vinham a nado até o navio para vendê-las. Nós também as compramos. Ao experimentarmos, sentimos o frescor na boca e esquecemos o calor intenso, de modo que nós as compramos e as comemos várias vezes”, relataram.

Chegamos a comentar que se tratava realmente de um filhote de dragão”, disseram os japoneses, ao tentar descrever o que parecia ser um jacaré



Japoneses permaneceram 44 dias na Ilha de SC

Tomoko Kimura Gaudioso é professora de linguística nascida no Japão e ainda criança mudou-se para o Brasil. Ela é responsável pela tradução de parte do livro e descreve a aventura como de grande importância para as duas nações:

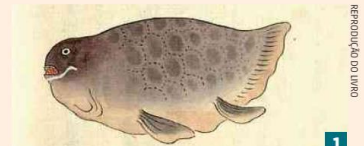
– É o primeiro relato, uma descrição minuciosa do que viveram – diz.

O livro com 15 volumes tem imagens que, segundo pesquisadora, foram feitas por desenhistas na tentativa de reproduzir o relato dos quatro viajantes, como peixe com “carapaça quadrada semelhante à da tartaruga”

A tradução do volume 12, que cita a chegada ao Brasil, está na edição de 2003 da Revista Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Além da narração, o livro com 15 volumes tem imagens que, segundo a pesquisadora, foram feitas por desenhistas na tentativa de reproduzir o relato dos quatro viajantes, como peixe com “carapaça quadrada semelhante à da tartaruga”. Tradutora do documento, Tomoko Kimura Gaudioso acredita que é possível que se tratava de um baiacu. O manuscrito traz uma imagem de um peixe com essas características.

Antes disso, porém, o manuscrito Kankai Ibun circulou clandestinamente no Japão. Segundo Paulo Baltazar da Rosa, um dos fundadores da Associação Wakamiya-maru e coordenador da Comissão de Pesquisas, ao longo dos anos foram acrescentados desenhos coloridos à mão, incluindo um mapa.

Conforme Rosa, os japoneses permaneceram 44 dias na Ilha de Santa Catarina. Na volta para casa, viveram fatos curiosos, entre os quais estão a prisão e interrogatório onde o grupo precisou detalhar a viagem, antes de serem libertos e reencontrar as respectivas famílias.



REPRODUÇÃO DO LIVRO

1

1 Desenho do peixe que japoneses relataram no livro. Os especialistas acreditam se tratar de um baiacu

2 Representação do “filhote de dragão capaz de devorar um homem”, relatado pelos viajantes, que parece ser um jacaré



REPRODUÇÃO DO LIVRO

2



Montanha alta e muitas árvores

A chegada da expedição em Santa Catarina ocorreu no dia 21 de dezembro de 1803 junto à Fortaleza Santa Cruz, Ilha de Anhatomirim, em Governador Celso Ramos. Lá, os dois navios ficaram ancorados, mas ninguém desembarcou. No dia seguinte, o grupo navegou com botes até um vilarejo com poucos habitantes no Forte de Santana, em Florianópolis.

De lá, foram levados para a casa do governador da Capitania Santa Catarina, Joaquim Xavier Curado, afirma Paulo Baltazar da Rosa, um dos fundadores da Associação Wakamiya-maru e coordenador da Comissão de Pesquisas.

“Existia um templo, também. Era uma construção que possuía um objeto em forma de cruz similar ao que tem no telhado do templo russo. O interior não foi visto. Observando a maneira de rezar, constatamos que parecia com a nossa reza, a dos japoneses. Acredito que esse templo foi construído pelos portugueses”, escreveram.

Na vila, a economia era baseada em produtos como peixes, camarões e mandioca. Naquela época a região apresentava uma dinâmica de serviços e estrutura de cidade administrativa bem estabelecida, como explica Francisco do Vale Pereira, coordenador do Núcleo de Estudos Açorianos (NEA) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Já estavam de pé construções preservadas até hoje, como a Casa de Câmara e Cadeia e a Santa Casa da Misericórdia, hoje Imperial Hospital de Caridade.

— É muito difícil dizer um número de habitações e construções que existiam na vila, mas podemos afirmar que era um importante ponto de parada de todas as navegações do Atlântico Sul, e um porto muito movimentado para exportação de produtos — afirma o historiador.

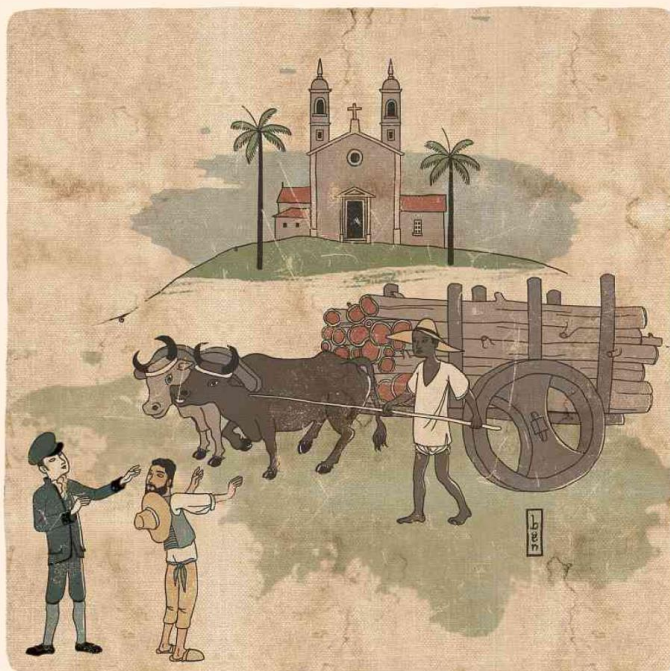
Naquele período, havia disputa entre Portugal e Espanha, que invadiu a ilha em 1777. Por isso, fortes foram construídos. A arquitetura de defesa foi observada pelos japoneses: “Na praia, viam-se canhões para guardar a costa”.

Segundo Paulo Baltazar, que pesquisa a viagem dos japoneses há cerca de 16 anos e tem detalhes da passagem do navio pela cidade, em Florianópolis o naufrago Tajyuro explorou cerca de “20 ri” para além do porto. A distância descrita pela unidade de medida japonesa no diário dos viajantes equivale a cerca de 78 quilômetros.

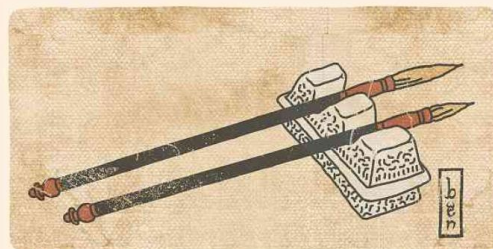
“Bem no interior, via-se uma montanha alta. Disseram-nos que é muito difícil de escalar. Os russos também se espantaram”, escreveram.

Conforme o historiador da UFSC, pela descrição é possível que eles enxergassem o Morro do Antão, no centro de Florianópolis. O que também despertou curiosidade dos japoneses foi a “imensa quantidade de árvores nos morros” e o calor que fazia na região.

“Ouvimos dizer que este lugar é muito quente o ano todo e não conhece o inverno. Tomávamos banho duas ou três vezes ao dia”, narraram os japoneses.



Existia um templo, também. Era uma construção que possuía um objeto em forma de cruz similar ao que tem no telhado do templo russo.



Japão no Período Edo

A terra do Sol nascente, como é conhecido o Japão, viveu um período de isolamento político-econômico e rígido controle interno entre 1603 e 1868. Foi nessa época em que, pelos mares do mundo, os quatro viajantes tentavam voltar para a casa.

Isolados, os habitantes do Japão conheciam as histórias do ocidente apenas por relatos.

Com tradições milenares, o Japão é uma nação reconhecida por sua arte, estilo da escrita tategaki, onde as letras são colocadas na vertical, cultura, religião, gente e, claro, pelo seu chá.

Naufração e resgate

Santa Catarina foi apenas uma parte da viagem de volta ao mundo feita pelos japoneses, e começou muito antes de chegarem à ilha brasileira. Ela teve início em 29 de dezembro de 1793 (calendário lunissolar), quando os quatro marinheiros viajantes entraram no navio Wakamiya-maru e saíram junto com outros 12 homens do porto de Ishinomaki, ao Norte do Japão, com destino a Edo, atual Tóquio.

Venderiam fardos de arroz que levavam consigo dentro da embarcação e madeira. Apanhados por um tufão, porém, ficaram cerca de cinco meses vagando pelo Pacífico Norte até chegarem a uma das ilhas Aleutas, que hoje pertencem aos Estados Unidos. Sobreviveram graças ao arroz estocado.

Conforme a pesquisa feita pela Associação Wakamiya-maru em Santa Catarina, o grupo seguiu em Aleutas até ser encontrado e levado por soldados e caçadores russos para a Ilha Unalaska.

Quase um ano depois, os naufragos foram encaminhados à Rússia, onde viveram até que, em março de 1803 (no calendário lunissolar), o imperador Alexandre I ofereceu a parte do grupo japonês uma chance de voltar para a casa. Os russos queriam descobrir o mundo, expandir os horizontes e ampliar as relações comerciais que à época eram dominadas pelos europeus. Um dos objetivos era estabelecer relações comerciais com o Japão.

Do naufrágio até o início do retorno para o Japão, três marinheiros morreram, quatro aceitaram retornar ao país e os demais permaneceram na Rússia. Zenroku, um dos naufragos já naturalizado russo, também foi embarcado para ser tradutor do embaixador da Rússia, Nikolai Petrovich Rezanov. O destino final de desejo, no entanto, não foi o país natal, mas sim Petropavlovsk, na Rússia.

Depois de aceitarem o convite do czar, os quatro japoneses, em 7 de agosto de 1803, embarcaram no porto de Kronstadt, próximo a São Petersburgo, para iniciar à expedição. Nos meses seguintes passaram por Copenhague e Helsingør, na Dinamarca; Falmouth, na Inglaterra; Santa Cruz, nas Ilhas Canárias da Espanha, até chegar a Santa Catarina.

A bordo do navio Nadiêjda (que significa “esperança” em português), os naufragos viajaram ao lado de outra embarcação de nome Neva. Eles estavam acompanhados de médicos, astrônomos, um pintor da Academia de São Petersburgo, corpo diplomático e caçadores para as colônias.

SC foi apenas uma parte da viagem de volta ao mundo feita pelos japoneses, e começou muito antes de chegarem à ilha brasileira

“Uma jornada repleta de perigos e experiências estranhas”, descreve japonês

Em um texto publicado em inglês na revista “Ship & Ocean Newsletter”, Mikio Oshima, secretário-geral da Sociedade de Naufragos Ishinomaki Wakamiya-Maru, descreve a viagem como “uma jornada repleta de perigos e cheia de experiências estranhas”.

A expedição também contou com a presença do pai da exploração tropical. Importante naturalista, Georg Heinrich von Langsdorff nasceu na Alemanha e naturalizou-se russo, nação onde é lembrado e estudado até os dias atuais. Em Santa Catarina, ele coletou e estudou espécies. Voltou ao Brasil mais tarde, em 1813, onde seguiu a exploração no Rio de Janeiro.

De acordo com Fabrício Vitorino,

mestre em cultura russa, Langsdorff “ajudou a descobrir o mundo”. Especialista no tema, o pesquisador explica que a expedição do naturalista “é celebrada como uma das maiores e mais importantes missões científicas na História do Brasil”.

Além disso, segundo Vitorino, criou as bases para as relações entre os dois países e desbravando rincões em toda a recém-independente Terra Brasilis. A importância dele para Rússia e Brasil é inquestionável.

E, para a ciência mundial, não menos importante. É muito comum, em museus por todo mundo, topar com mostras “Langsdorff” ou salas “Langsdorff”.



DC Revista, AN Revista e Santa Revista (24.12 – 30.12.2022)

Esportes

“COPA DAVIS VOLTA A SC APÓS OITO ANOS”

Copa Davis volta a SC após oito anos / Universidade Federal de Santa Catarina / UFSC

COPA DAVIS VOLTA A SC APÓS OITO ANOS

Florianópolis será palco do duelo entre Brasil e China pela repescagem do Grupo Mundial I. A série de jogos entre atletas dos dois países será disputada entre 3 e 4 de fevereiro de 2023

BRUNO ATANAZIO
bruno.contesini@nsc.com.br

Mais uma vez Florianópolis vai ser a casa da Copa Davis. A “Copa do Mundo do Tênis” retorna à capital catarinense para o confronto entre Brasil e China, pela repescagem do Grupo Mundial I. Os jogos serão disputados entre os dias 3 e 4 de fevereiro. Quem vencer, segue na elite do torneio, quem perder, disputará o Grupo Mundial II – segundo escalão da Copa Davis.

O confronto entre Brasil e China inicialmente seria no país asiático. Porém, devido às fortes restrições da nova onda de Covid-19, a Confederação Brasileira de Tênis (CBT) entrou com uma apelação para reverter o mando de quadra. Após uma votação na Federação Internacional de Tênis, o recurso foi concedido.

A escolha por Florianópolis foi feita pelo histórico tenista brasileiro Jaime Oncins, que atualmente é capitão do Brasil. Ele optou pela capital catarinense, e pelo Costão do Santinho, porque o local tem as condições mais favoráveis para os atletas: uma ótima quadra de saibro, que é aberta e ao nível do mar.

– O Costão tem uma história de mais de duas décadas com a Copa Davis. Oferecer uma competição esportiva na alta temporada também é um atrativo a mais para os turistas e moradores de Florianópolis. A Copa do Mundo acabou de finalizar e, 45 dias depois, terá a Copa do Mundo do Tênis com uma oportunidade de torcer pela vitória do país novamente. Estamos muito felizes em sediar esse evento – disse Rafael Westrupp, presidente da CBT.

A partida marca a sétima vez que Florianópolis recebe uma etapa da Copa Davis. A Ilha da Magia foi sede de etapas do torneio em: 1997, 1998, 2000, 2001, 2007 e 2015.



Imagem da última vez que Florianópolis recebeu a Copa Davis, em 2015, no duelo contra a Croácia

HISTÓRICO

- **1997**
Brasil 5 x 0 Nova Zelândia
Fase: Qualificatória do Grupo Mundial
Local: Costão do Santinho
- **1998**
Brasil 3 x 0 Romênia
Fase: Qualificatória do Grupo Mundial
Local: Costão do Santinho
- **2000**
Brasil 4 x 1 França
Fase: 1ª rodada do Grupo Mundial
Local: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
- **2001**
Brasil 1 x 3 Austrália
Fase: Quartas de final do Grupo Mundial
Local: Federação Catarinense de Tênis
- **2007**
Brasil 3 x 1 Canadá
Fase: Repescagem do Grupo Mundial
Local: Costão do Santinho
- **2015**
Brasil 1 x 3 Croácia
Fase: Repescagem do Grupo Mundial
Local: Costão do Santinho



Acesse outros
conteúdos em
nscsctotal.com.br

DC Revista (24.12 – 30.12.2022)

Leo Coelho

“NA ORELHA DO GALVÃO”

Na orelha do Galvão / Galvão Bueno / Mônica Ramos / Formada em Jornalismo /
UFSC

NA ORELHA DO GALVÃO

Mônica Ramos, nascida na maternidade Carmela Dutra, formada em jornalismo pela UFSC, teve a honra e a responsabilidade de coordenar as transmissões de Galvão Bueno, que se despediu das narrações do esporte da emissora e a partir de agora será a voz da Globo em projetos especiais.

Mônica e Galvão fizeram muitas transmissões do UFC juntos, mas a relação mais próxima com o narrador começou nos jogos da Seleção Brasileira em 2018, função que exerceu até 2020. De lá pra cá, a manezinha passou a ser a pessoa na Globo a intermediar as demandas para Galvão.

Atualmente, Mônica é gerente de futebol e participou de todo o planejamento da Copa do Mundo, incluindo a despedida dele no domingo, dia 19. A manezinha da ilha foi a primeira e única mulher a coordenar o Galvão em transmissão de futebol.

Notícias do Dia (23-24-25/12/2022)

Especial

“Podcast aDiversa debate como “sobreviver” às conversas de fim de ano”
Podcast aDiversa debate como “sobreviver” às conversas de fim de ano / Natal /
Bruna Fani Duarte da Rocha / Doutoranda em Antropologia Social / Núcleo de
Identidades de Gênero e Subjetividades / UFSC

PERGUNTAS DE FAMÍLIA

Podcast aDiversa debate como “sobreviver” às conversas de fim de ano



“E aí, vai casar quando?”
“Seu primo acabou de conseguir um emprego novo, tá ganhando bem mais...”
“Melhor comer só fruta, né”. Dificilmente alguém nunca ouviu pelo menos uma dessas frases na ceia de Natal. Aquela época gostosa de se reunir com a família se

tornou também um momento de cobrança e perguntas no mínimo constrangedoras, que vão bem além do “é pavê ou ‘pacumê?’”

Mas como fugir dessas situações e passar o Natal em paz? E por que algumas pessoas (alô tios!) continuam insistindo em nos constranger na frente de toda a família? É o que os convidados do episódio do podcast aDiversa desta semana tentam responder.

Participam do podcast

Bruna Fani Duarte da Rocha, doutoranda em antropologia social e integrante do Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades da UFSC, e Natalia Zampieri, psicóloga e especialista em terapia cognitiva comportamental.

Para deixar o assunto mais divertido e bem-humorado também participa do episódio Suzaninha, produtora cultural de Florianópolis e sócia na Bafo Cultural. O editor

do ND+ Gustavo Bruning cumpre a cota masculina.

Apesar dos pais serem tranquilos em relação à cobrança, Suzaninha já enfrentou situações constrangedoras quando participou da ceia na casa de amigas. “Rolavam piadinhas que caíam num lugar de gordofobia, do tipo ‘vai repetir de novo?’ ou de homofobia, com a piadinha do peru, da rabanada... Mas essas reproduções de

violência acabaram me fortalecendo”, contou.

“Há uma pressão muito grande para que todos sejam felizes nessa época. O ‘tio do pavê’ representa aquela obrigação de antigamente, de estar em um relacionamento que vai agradar a família, e não você”, complementou a psicóloga Natalia. Ela alertou que esse tipo de situação pode deixar a pessoa deprimida e com a sensação de culpa por não atender às expectativas.

Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

CLIPPING DIGITAL

23/12/2022

[No ar: 18º episódio do podcast aDiversa dá dicas para 'sobreviver' ao Natal em família](#)

[Novo episódio do podcast 'UFSC Ciência' aborda preconceito linguístico](#)

[Uma nova era da cannabis no Brasil](#)

[Tokens na economia: confira as sete dúvidas mais frequentes](#)

[UFSC e Fapesc realizam pesquisa sobre uso de Big Data por empresas catarinenses](#)

24/12/2022

[Tema 555 e suas repercussões na proteção do trabalhador](#)

[Governador eleito Jorginho Mello segue anunciando novos do futuro colegiado](#)

25/12/2022

[Shopping coloca segurança para proteger Papai Noel de ataques: "Comunista"](#)

[Transporte de cargas ainda é desafio para Aeroporto Regional](#)